

A CONSTRUÇÃO DO NOVO MÉTODO E DO NOVO OBJETO DA PSICANÁLISE

THE BUILDING OF THE NEW METHODOLOGY AND THE NEW OBJECT OF PSYCHOANALYSIS

António Francisco Mendes Pedro¹

PSIQUE • e-ISSN 1647-2284 • VOLUME XIV • 1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2018 • PP.25-39

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.14.2>

Submitted on August 27th, 2015 | Accepted on August 28th, 2017 (3 rounds of revision)

Submetido a 27 de Agosto, 2015 | Aceite a 28 de Agosto, 2017 (3 rondas de revisão)

Resumo

Entre o pós-segunda grande guerra e o final do século passado, a psicanálise procurou uma 3^a via reformista que lhe permitisse conciliar as descobertas que ia fazendo com a observação da realidade psíquica de crianças e bebés e certos pressupostos mítico filosóficos da metapsicologia freudiana. Mas, como se tem vindo a perceber, desde o virar do século, para não soçobrar aos impasses e se desenvolver como ciência, a psicanálise necessita levar a termo, e de modo aberto, uma revolução científica. Propomos neste artigo teórico-clínico, que as relações humanas íntimas e a sua transformação são o novo objeto da psicanálise, com a nova metodologia focada na observação intencional e na intervenção interintencional. Esta metodologia centra-se no estudo, não só do presente e do passado em função da sintonia empática, mas sobretudo das respostas complementares, as quais são enações interintencionais, vividas e elaboradas na relação de intimidade, voltada para o futuro. Assim, a psicanálise é a ciência da mudança do padrão relacional íntimo, com eficácia para a mudança social e a criatividade científica e artística. É uma proposta que integra as descobertas da neurociência e da psicossociologia na psicanálise e a psicanálise, no seio das outras ciências.

Palavras-chave: realidade, inter-intencionalidade, nova relação, enação, intuição.

Abstract

Between the post-Second Great War and the end of the last century, psychoanalysis sought a third reformist path that would allow it to reconcile the discoveries it was making with the observation of psychic reality of children and babies and certain mythical philosophical assumptions of Freudian metapsychology. However, as we come to realize since the turn of the century, in order not to cease its impasses and develop as a science, psychoanalysis needs to bring off, in an open way, a scientific revolution. We propose in this theoretical-clinical article, that intimate human relations and their transformation are the new object of psychoanalysis, with the new methodology focused on intentional observation and interintentional interven-

¹ CIP-UAL, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, Portugal, ampedro@autonoma.pt,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3469-5862>

tion. This methodology focuses on the study not only of the present and the past in terms of empathic attunement, but above all of complementary responses, which are interintentional, lived and elaborated in the relationship of intimacy oriented towards the future. Thus, psychoanalysis is the science of changing the intimate relational pattern, with effectiveness for social change and scientific and artistic creativity. It is a proposal that integrates the discoveries of neuroscience and psycho-sociology in psychoanalysis, and psychoanalysis amongst the other sciences.

Keywords: reality, inter-intentionality, new relation, enaction, intuition.

A Psicanálise foi-se desenvolvendo entre dois paradigmas fundamentais: o do ideal metapsicológico, em busca da verdade no ser humano, e o científico, submetido ao método da observação da realidade.

Na primeira grande encruzilhada da psicanálise, Freud (1956) afastou-se deliberadamente das suas primeiras observações sobre os pacientes que eram objeto de sedução real traumática – “já não acredito na minha neurótica” (Freud, 1897, 1956) – para conceber uma metapsicologia da verdade psíquica, constituída por pulsões e fantasmas inconscientes, que se manifestam nos fantasmas originários, na sexualidade infantil e no complexo de Édipo, e explicam a teoria da libido e do prazer como objetivo humano central.

Descurando também a técnica científica da observação do real, Melanie Klein levou ao excesso o modelo de Freud (Klein, 1932) com a sua teoria sobre o desenvolvimento precoce, a partir do estudo dos fantasmas do adulto doente, aplicando-os à reconstrução da verdade do bebé e da criança. Assimilando a pulsão ao fantasma e à relação de objeto, acabou por excluir toda a realidade material e focou-se exclusivamente na análise dos fantasmas, os quais seriam originais, gerais e teriam uma base genética, seja por exemplo esse de que a mama da mãe é investida, automaticamente, pelo bebé como devoradora e como objeto a ser devorado! Com base na radicalização do paradigma da pulsão-fantasmática, Klein foi levada ao extremo de considerar que todos os bebés passariam por fases esquizo-paranoides, depressivas!... e de que o que é profundo, numa pessoa, se sobreporia *ipso facto* ao que é precoce!

As ciências tendem naturalmente a nascer duma mistura entre a afirmação religiosa-mítica da verdade, o conhecimento filosófico e a observação pontual da realidade. É o que se passou com a psicanálise. Mas o que este artigo interroga são as razões da crise da psicanálise, traduzida pela sua marginalização nos meios científicos e universitários. Temos o objetivo de contribuir para que ela retome o seu desenvolvimento científico, pelo salto epistemológico, o que é da maior importância para o desenvolvimento e a mudança na teoria e na prática das relações humanas atuais (Mendes-Pedro, 2016).

O após 2ª guerra mundial colocou aos cientistas da psicologia o problema do desenvolvimento dos bebés e das crianças traumatizadas pelas situações que viveram. Winnicott (1971) dedicou-se então à observação dos bebés a brincar com objetos no colo das suas mães. O que observou foi a realidade sensível e tangível das interações, em particular das trocas de olhares mútuos e de expressões faciais, fundadoras do narcisismo do bebé e da mãe, após a fase da dependência absoluta do *mirroring*. A intuição de Winnicott relegou para segundo plano a teoria da pulsão-prazer, já que a realidade lhe impôs que a pulsão nasceria nos braços duma mãe com o seu bebé ao colo.

Implicando isso, simultaneamente, a sua vida fantasmática, mas também a textura tátil da mama, o cheiro do leite, a forma de o segurar tatilmente, a história concreta da interação entre o bebê e a sua mãe. Assim, apoiando-se na nova técnica da observação do real, e conciliando-a com a teoria apriorística das representações fantasmáticas da mãe, construiu, pela prática clínica, uma reforma evolutiva científica da psicanálise, com a utilização de métodos e técnicas inventivas e lúdicas. Não obstante pode teorizar com criatividade que as interações precoces constroem a preocupação materna primária, pré formam a relação de objeto, antecipam e modulam a construção do sentido do si/eu/self, como sentimento narcísico de existir com uma certa continuidade, possibilitando assim o amadurecimento do bebê quando beneficia dum ambiente facilitador.

Assim, o movimento da chamada terceira via do “Middle Group” procurou conciliar a metapsicologia freudiana do negativo e da ausência (resumida na expressão: “O seio nasce da ausência do seio”, isto é, o objeto mental nasce da ausência do objeto real, o que origina o psiquismo do “bebê verdadeiro”) com a metapsicologia da presença e do encontro (na origem da constituição do “bebê real” e dos padrões de vinculação). E foi nesse caminho que prosseguiram outros, como Serge Lebovici, em França, nos anos 80-90 do século passado. Apesar das injunções dos psicanalistas clássicos de adultos, como André Green, que criticavam ferozmente os psicanalistas de bebês, por estes se centrarem na abordagem dos bebês reais e não na reconstrução “*après-coup*” do bebê verdadeiro presente nos fantasmas dos adultos, que tinham como objeto único da psicanálise! (Mendes-Pedro, 2013).

Ao longo dos anos 80, Serge Lebovici, que era amigo de Winnicott, costumava, nas consultas de bebês, dar um papel mais ativo a estes, pois olhava e falava tanto com o bebê como com a mãe ou o pai, no intuito de os filiar e afiliar, inscrevendo-os na história familiar e da cultura de pertença. Ele considerava-se a si como avô paterno, e com isso justificava as suas intervenções diretas na tríade, pautadas ora pela empatia ora pelo distanciamento. Subjacente a esta prática estava sempre o modelo clássico edipiano do tratamento psicanalítico, caracterizado pela repetição e pela reconstrução da neurose infantil, a qual desta vez repetiria a história das interações precoces. Estes dois cientistas da terceira via psicanalítica inseriram, pois, a dimensão fenomenológica da realidade observada no velho paradigma da pulsão-fantasma. Obtiveram com isso uma grande liberdade nas suas práticas clínicas, ditadas pelo que Lebovici (Lebovici & Stoléru 1983) viria a chamar a enação empática, e que representa, a nosso ver, uma inovação reformista! Por boas razões seduziram os públicos inglês e francês, mas não transformaram a psicanálise.

A centração no estatuto do real e da realidade constituintes do funcionamento humano é, a nosso ver, o motor que permite à psicanálise tornar-se plenamente científica. Ele foi equacionado, como vimos, por Freud, mas desvalorizado em função do seu ideal metafísico, a que chamou de metapsicologia. Nesses anos inaugurais, Ferenczi (1982/1933) bateu-se com Freud de modo destemido, dando relevância aos traumas e às perdas reais das crianças e dos pacientes adultos. Esta conceção foi depois assumida pelo escocês Fairbairn (1954), o qual, embora usasse uma pesada secretária entre a sua cadeira e o divã onde recebia os seus pacientes, insistiu de modo muito radical, em que o bebê saudável está desde sempre orientado para a realidade e que os fantasmas só surgem quando esse bebê é privado da sensorialidade afetiva na relação precoce! Radicalizando esta posição, Bowlby (1969) construiu a teoria da vinculação inteiramente voltada para a redução da vida psíquica a comportamentos, em detrimento total da vida fantasmática, pois que os comportamentos seriam, de modo igual nos animais e nos humanos, predisposições biológicas e motivações maiores (ao mesmo nível da libido em Freud). Foram, no entanto, nos anos 80 do século passado, os americanos Greenberg e Mitchell (1983) que deram relevo a estas conceções e às dos seus conterrâneos

sobre a *interpessoalidade* (Sullivan, 1953) e sobre a psicologia do Self (Kohut, 1971). Consumaram, assim, a rutura com a psicanálise convencional, ao teorizarem o modelo que chamaram a psicanálise relacional, a qual se foca, não nas relações internas do sujeito consigo próprio, mas nas relações que se estabelecem entre dois sujeitos reais que se influenciam um ao outro (Greenberg & Mitchell, 1983).

A Evolução Reformista: A Empatia Enactante

O conceito de Enação, de *Enactus*, não tem a ver com brotar, nascer, enascente, pois não se relaciona com Enasci (de *enascor*, de que deriva *enatus*, mas não *enactus* com "c": "nascer", "brotar espontaneamente", etc.), nem deriva de *Enancisci*, *enactus sum* "obter por surpresa, agarrar, surpreender". *Enactus* relaciona-se com *inactus* (*participo de inigo*, *inactus sum*: "fazer andar, empurrar, excitar, levar à ação" e surge no latim do séc. XVI num documento inglês com o sentido de "decretado, constituído" e que é donde vem o inglês *enactment*, isto é, a enação.

Os cognitivistas adotaram o termo para definir uma situação simples onde um sujeito realiza uma ação simples. Lebovici, que como escrevemos era influenciado por Winnicott e pelos ingleses, foi buscar aos cognitivistas os conceitos *enacção*, *enactante*, *enacto*, para definir o poder da pessoa relacional em plena empatia.

De um modo geral, a experiência vivida da enação envolve o exercício espontâneo que algumas pessoas usam, provavelmente por estarem mais viradas para a ação do que para a reflexão contemplativa. Será o caso dos psicoterapeutas habituados a interagir com bebês, a utilizar o jogo com as crianças ou a fazerem psicodrama. É o que também acontece às pessoas que se deixam penetrar pela música e que, espontaneamente, se põem a dançar. Esta, a noção de enação como energia sem esforço criadora da novidade.

Gustav Mahler tornou evidente esta experiência criativa da enação, a propósito do último movimento da sua Sinfonia nº 2 dedicado ao tema da ressurreição:

"O que tinha vivido nesse dia, precisava ainda de o construir em sons. E contudo, se não tivesse já dentro de mim esta obra, como é que poderia ter vivido um tal momento? Foi sempre assim comigo: é só quando vivo a sensação que crio pelos sons, i.e., só quando crio pelos sons que vivo a sensação" (Mahler, citado em La Grange 1979).

Na clínica com bebês e com os pais, Lebovici (2002) era atento ao que observava nos outros e em si. Numa dessas consultas psicanalíticas, que observámos em vídeo, uma senhora, abandonada em criança pelo próprio pai e pouco investida pelo marido, descreveu a interação com o filho de 7 anos a tomar banho com ela e a mamar ainda. Depois provocou Lebovici mostrando o seu desejo em ter com ele uma relação amorosa. Este reagiu em enação, propondo a vinda da criança e do pai à consulta seguinte. No decorrer desta, interpretou o desejo do filho em brincar com fósforos, dizendo ao pai que este faria bem em pôr-lhe limites ou dar-lhe um pequeno tabefe, caso ele quisesse continuar a brincar com o fogo, referindo-se implicitamente, à prática de mamar e de tomar banho com a mãe. E foi assim que a mãe depois de uma reação de raiva para com Lebovici acabou por pôr cobro às suas práticas de cariz simbiótico-incestuoso.

Nesta vinheta exemplificativa duma enação atípica e brutal, Lebovici (2002) procurava re-narcisar-se a si e agir diretamente sobre a constelação familiar, tendo sempre subjacente uma sua fantasia psicanalítica mais ou menos inconsciente, a de integrar a tríada mãe/pai/bebé na

constelação edípiana. Na sua perspectiva evolutiva, o pensamento em clínica não o obrigava automaticamente à inibição da ação, mas movia-o “a reagir, de modo quase involuntário” – dizia ele –, contudo não na base da hipótese científica da triangulação, mas na do complexo de Édipo, sempre mantido como matriz do funcionamento humano.

Este famoso complexo, bem como, mais tarde, os conceitos de cena primitiva e de angústia de castração que lhe estão associados, foram propostos por Freud (1956), a partir da sua experiência de vida, descrita a partir dum sonho que teve, o “sonho da injeção feita a Irma”, que revelaria a rivalidade de criança com o seu pai, exacerbada pelo facto da sua mãe ser muito mais nova do que ele (1897). Tendo corroborado os fantasmas de desejo do pai, na análise do psiquismo de algumas mulheres consideradas histéricas, Freud generalizou o complexo de Édipo, não como uma estrutura patológica associada a traumas reais, mas como característica do funcionamento de todo o ser humano! Também agora, na enação retirada da clínica de Lebovici, chama-nos a atenção o facto da interpretação se focar, não na experiência abandonica vivida pela mãe com os homens, mas na intencionalidade atribuída à criança, de “querer dormir e de mamar com a mãe”, sublinhando pois a teoria freudiana da sexualidade infantil!

Falava-se então dos esquemas muito precoces sobre o estar juntos (“weness”) e Lebovici, que tal como Daniel Stern trabalhava em psicanálise de bebés, interessou-se particularmente pelas investigações deste sobre as interações precoces. Para Stern (2000, 2006) era claro que a matriz da intersubjetividade se formava muito cedo a partir da experiência do bebé em interação com a sua mãe, pela prática da transposição transmodal, pela construção do continente proto-narrativo e das representações analógicas. O mundo interpessoal do bebé é, pois, construído pelas interações com a mãe, locais e concretas, vividas no tempo presente e de forma implícita, originando representações precoces *infrasimbólicas*. Com estas e outras descobertas, Stern vai revolucionar a teoria das psicoterapias, ao provar que a unidade subjetiva da psicoterapia é a sucessão de momentos presentes vividos na relação, e que, por isso, a possibilidade da mudança por psicanálise resulta tanto do conhecimento vivido implícito, como da interpretação. Por isso Stern (2006) descreveu a psicanálise como uma psicoterapia situada no momento presente e não como uma metapsicologia transcendente, o que muito irritou os seus contemporâneos.

Lebovici (2002) considerava Stern como “o colega mais próximo de si” (*sic*), e convidava-o regularmente para as reuniões de investigação sobre psicanálise dos bebés. Um dia, houve uma separação de águas entre o reformador e o revolucionário, em que Stern criticou a prática clínica da enação edípiana à Lebovici, tratando-a de “predadora”! Este respondeu, criticando Stern por negligenciar a situação edípiana na sua teoria. Stern retorquiu que não a negligenciava, que o que acontecia era que se esquecia da situação edípiana... Lebovici, que tinha uma postura mais paterna seguindo a regra freudiana sobre a proeminência paterna, mandou-o deixar de fazer de avozinha protetora da mãe e do bebé. Ao que Stern respondeu que os resultados do trabalho de Lebovici é que serviam para aprovar a ordem e a organização edípiana, a qual não possuía suficiente base científica.

A enação empática aparece pois como um método de intervenção, regido pelo paradigma teórico, que condiciona à adoção e ao desempenho de papéis pré-determinados! Talvez por isso, mas de modo significativo, a enação empática metafórica, à Lebovici, faz sempre parte da função do analista e nunca da função do paciente em análise! Utilizada pela psicanálise reformista na reconstrução-revisão biográfica do paciente, com o objetivo de contribuir para

que o paciente se dote de uma narrativa coerente sobre a sua vida, e assim fique curado! Por isso, quanto a nós, o que Stern criticou foi esse poder exorbitante dos psicanalistas-rei, que ao se permitirem atribuir o sentido da vida a partir de grelhas especulativas, perpetuam as neuroses de transferência dos pacientes, caracterizadas pela repetição de relações de dependência de tipo parental. Tudo muda para que na vida das pessoas tudo fique na mesma! Por isso, na perceção cultural ocidental laica, o psicanalista passou a ser visto como o substituto do padre, aliviando, reduzindo a culpa, mas não envolvido na mudança em profundidade. E talvez em complementaridade com isso, a tendência de muitos psicanalistas se agregarem em pequenos clubes, à volta de determinado autor de referência (os freudianos, os kleinianos, os winnicottianos, os bionianos, os lacanianos), como se a ciência fosse uma questão de nomes e não de temas e de métodos!

Quanto à noção de empatia (*Einführung*), ela foi introduzida por Lipps, em 1903, para designar uma projeção de si no objeto (“quando assisto no circo a um acrobata a deslocar-se no arame, sinto-me dentro dele”). Tornou-se, na moda atual, um conceito usado na contratransferência, para enfatizar a psicologia das emoções. É comum os psicoterapeutas, ao procurarem identificar-se com os seus pacientes, interrogarem-se, nas supervisões, quando falam das suas sessões com os pacientes: “O que eu estou a sentir, a sensação que tenho é que o paciente me está a dizer que...!”. Mas a empatia, como experiência relacional, estende-se a toda a intersubjetividade e não pode implicar apenas a experiência de como sentimos o outro, mas devia-se abrir a tudo o que permite a inteligibilidade mútua. Husserl, em 1931 (citado em Dastur, 2004), descreveu o papel da intersubjetividade na constituição do nosso sistema de cognição, ao destacar que pela empatia compreendemos os outros como semelhantes a nós, ou seja, que o outro é experimentado num processo de emparelhamento. Operando numa outra lógica, a partir do novo conceito da intencionalidade, Merleau-Ponty (1962/1945) antecipou que “há comunicação quando há reciprocidade entre a minha intenção e os gestos dos outros, entre os meus gestos e as intenções dos outros. É como se a intenção do outro morasse no meu corpo e o minasse!”. Quer dizer, o que funda a autoidentidade do outro no meu corpo é também o que funda a alteridade do outro. É esta intencionalidade que finalmente funda o carácter objetivo da realidade humana, no sentido em que descobrimos que o outro é uma pessoa, semelhante a nós e não um organismo com uma mente, ou um objeto com o qual se estabeleceriam relações de objeto.

A Revolução Científica:

A) A inter-intencionalidade como novo método

Torna-se, pois, necessário retomar o processo sobre o que está em causa, não no psiquismo individual (consciente, inconsciente, pré-consciente) mas nas relações humanas. As descobertas da neurociência e da psicologia social cognitiva, na lógica do conhecimento transversal, contribuem para alavancar a mudança de paradigma na psicanálise, permitindo-lhe aceder ao novo objeto. (Mendes-Pedro, 2009, 2012, 2017a, March).

Com efeito, ao contrário do que é tido como adquirido pelo senso comum, a mente humana, não é caracterizada nem pela linguagem nem pela emoção, mas pela capacidade social que todos temos de, implícita e pré-reflexivamente, compreendermos os outros como pessoas com intenções. Temos essa capacidade de viajarmos nas mentes uns dos outros, e de

viajarmos instantaneamente no tempo, entre passado, presente e futuro (Corballis, 2011).

Viajarmos na mente do outro significa que compreendemos que os outros têm estados mentais semelhantes aos nossos, mas dotados de alteridade. Isto é, caracterizamo-nos por ter desejos, pensamentos, convicções, ações, previsões e decisões, que podem ser imitados, comunicados interpessoalmente e detetados intencionalmente (Barrett, Dunbar, & Lycett, 2002).

Na cognição humana, as emoções intervêm como uma componente da mente. Os estados de espírito, também chamados emoções de fundo e emoções vitais (“bem-estar/mal-estar”, “plasticidade/rigidez”, “harmonia/desarmonia”) produzem o sentido inicial do si, à Winnicott, mas as emoções primárias (“alegria, tristeza, medo, surpresa, raiva...” e as emoções secundárias (“culpa, vergonha, compaixão, ciúme...”) são igualmente importantes, como “marcadores somáticos” para as decisões que envolvem a ação antecipadora do futuro (Damásio, 2003). As emoções funcionam, então, como sinais de alarme quando são negativas, e, como incentivos quando são positivas, e por isso os processos emocionais são significativos para as relações, mas não minimizam os outros processos cognitivos complexos. Com efeito, as pessoas agem com miopia, só veem desgraças e são superficiais, não só quando apagam/negam/recalam os seus afetos, mas também quando não os integram com os estados mentais cognitivos ou com os estados corporais viscerais (Damásio, 2003). As relações concretas põem em jogo as múltiplas conexões entre os cérebros reptiliano, mamífero e primata de cada ser humano, apesar disso escapar em grande medida à sua consciência explícita, o que pressupõe a revolucionária descoberta freudiana do inconsciente.

Viajar no estado mental dos outros quer então explicitar, não que se viaja no seu aparelho psíquico ou que se compreende os seus comportamentos, mas, que se compreende suas intenções, isto é, “o porquê” das suas ações quando outrem age de determinada maneira (Rizzolatti & Sinigaglia, 2007).

Meltzoff (2007) – que já tinha surpreendido ao observar o *link* neonatal inato, estabelecido pelos recém-nascidos com 18 horas de vida, capazes de reproduzir os movimentos de boca e de face exibidos pelos adultos em interação com eles – descreveu a experiência muito curiosa que diz o essencial sobre o modo como viajamos na mente do outro. Uma criança de 18 meses observa um adulto a falhar uma tarefa, como seja a de lançar uma bola ao cesto. Quando imita o adulto, essa criança é capaz de acertar com a bola no cesto, significando isso que a criança muito pequena já é capaz de adivinhar, por projeção corporal, a intenção do adulto. Este mecanismo de observação e execução começa a ser exercitado de modo não reflexivo desde os 6 meses de idade! Portanto, o ser humano traz em si o potencial de se relacionar com os outros, de modo semelhante através da imitação, mas sobretudo com a diferença proporcionada pela criatividade, ao interagir com ele num contexto que estimula a inter-intencionalidade. Eis o novo método que nos permite estudar a vida relacional, não o da observação dos comportamentos, mas o da observação/execução da intencionalidade.

A unidade básica da comunicação social é, pois, a intenção vivida. A inter-intencionalidade é esta capacidade de viajarmos com a outra pessoa, instantaneamente e por breves segundos, quando observamos/conhecemos as suas ações, quando escutamos no escuro os sons a elas associadas, quando inferimos automaticamente os seus objetivos futuros. Com efeito, todo o reconhecimento duma ação, duma sensação, de uma emoção, de um pensamento implica implicitamente sempre um objetivo e um agente. Servindo-nos da intencionalidade, acreditamos,

pensamos, desejamos, queremos, planeamos, agimos (Barrett *et al.*, 2002).

A técnica da ressonância magnética funcional permitiu a descoberta neurocientífica do sistema dos neurónios-espelho, presentes em diversas áreas cerebrais, como base neural e funcional das relações humanas. Quando observo passivamente as ações de outra pessoa, ativam-se os neurónios-espelho no meu córtex frontal inferior que automática e implicitamente as simula como incorporadas internamente no meu corpo, codificando-as como tendo uma direção para objetivos. Quando essa ação tem um contexto, o que ocorre quase sempre, são ativados os neurónios visuomotores e audiovisuais nos córtex occipital, temporal, parietal e no frontal pré-motor, e a descodifica, permitindo a sua compreensão como tendo não só objetivos, mas como tendo intenções viradas para o futuro. É, pois, o contexto, em que se realizam as ações, sensações, emoções, pensamentos das outras pessoas, que permite esclarecer as intenções das suas ações! A mesma ação em dois contextos diferentes tem dois significados diferentes, porque os neurónios-espelho e os neurónios codificados dos atos motores não só codificam as ações observadas e os seus objetivos imediatos, como codificam o contexto dessa ação e, por isso, codificam a intenção global e futura, por detrás da ação. Mas estes processos não são de leitura linear, porque uma ação pode ser registada nos neurónios-espelho sem ter sido observada, podendo apenas referir-se à antecipação de ações futuras, desde que estas sejam virtualmente consideradas pela intencionalidade como eficazes para o futuro! (Gallese, 2003; Rizzolatti & Sinigaglia, 2007).

Como as descobertas sobre a vida relacional dos bebés, estas descobertas atuais mostram que a partilha da intencionalidade entre duas pessoas, resulta não da aplicação de uma atribuição de sentido, mas da descoberta do sentido que está impresso nos mecanismos implícitos e pré-linguísticos que ocorrem no espaço da sintonia intencional. A compreensão da intenção e o reconhecimento da ação doutra pessoa são intrinsecamente significativas para cada um de nós, porque derivam de uma mesma operação neural que se realiza no outro e em nós, automaticamente pelos dois sistemas cerebrais motores, em presença um do outro (Iacoboni *et al.*, 2005). Viajo na outra pessoa, como ela viaja em mim. Por isso, o psicanalista, para penetrar no mundo do outro, não tem necessidade de teorizar, e é mesmo sobretudo quando não teoriza, mas vive a relação com o outro que acede a ele como pessoa. Porque a *Mente é função da relação!*

Este processo da descoberta da intenção é mediado por dois dispositivos, dois mecanismos: o do processamento entre um rosto e outro rosto através das trocas de olhares e o do processamento cerebral da intencionalidade (Rizzolatti & Sinigaglia, 2007).

Intuitivamente, Winnicott, através da observação da descoberta do sentido existente na troca de olhares e no modo de segurar o bebé, e Lebovici, através da empatia enactante ressentida corporalmente, contribuíram de modo inovador para a compreensão da dinâmica inter-relacional, parecendo intuir o método da inter-intencionalidade.

Foi, no entanto, o chamado Boston Change Process Study Group (2007) constituído por Daniel Stern, e por outros grandes especialistas, como Tronick, Ruth-Lyons, Sander e Nahum, que mostrou, através de várias publicações coletivas, que o nível mais profundo da relação humana não são os fantasmas e as defesas, mas sim o vivido no aqui e no agora, onde o inconsciente não se restringe ao recalcado, mas abrange toda a zona não reprimida das relações implícitas. Por outro lado, mostrou ainda, que quando duas ou mais pessoas estão em compreensão complementar, elas criam intuições e respostas intuitivas de descoberta do sentido

(Boston Change Process Study Group, 2008). São representações infra verbais infra simbólicas, intenções, intuições, metáforas corporais, jogos de humor, enações que inesperadamente surgem, espontâneas, da intimidade partilhada, e que revelam o sentido da vida virada para o amanhã (Mendes-Pedro, 2009, 2016).

Na relação psicanalítica, a sintonia intencional, que permite a complementaridade intuitiva, surge quando o paciente, ao interagir com o seu psicoterapeuta, intui um novo sentido original e singular, ao intuir a intenção deste sobre o futuro. E do mesmo modo, o psicoterapeuta intuirá o sentido do seu paciente quando é capaz de intuir a intenção imediata, mas sobretudo a intenção futura dele, ao agir e reagir de uma certa maneira no concreto de um contexto. A enação que surge é mútua, e pressupõe que os dois tenham saído do processo repetitivo das relações patológicas que os prendem ao passado. A descoberta da inter-intencionalidade provoca pois respostas inovadoras, voltadas para o futuro, nos dois intervenientes da intimidade partilhada. Aqui, a forma da sua expressão é secundária, seja ela feita ação, seja ela gestual ou verbal. O que importa é o futuro que a move e a motivação que a determina.

B) A relação como novo objeto científico

Para suscitar mudança real, e não só fantasmática, nas relações íntimas do consultante, a relação psicanalítica tem de se situar na esfera do vivido, o qual está sempre voltado para o futuro, e não só no da compreensão do passado. Assim, a clássica centração na transferência-contratransferência que se baseia no levantamento da amnésia infantil e na interpretação da realidade à luz do passado, é um obstáculo e uma resistência ao novo e ao vivido. O próprio Freud (1956) começou por o considerar sem ter encontrado uma alternativa.

A prática e reflexão clínicas (Mendes-Pedro, 2009, 2013b, 2016, 2017a, March) mostram, então, que a relação psicanalítica, para produzir desenvolvimento pessoal, se deve centrar na qualidade da resposta, implícita e explícita, às necessidades e aos objetivos do consultante. Não se trata de uma simples questão técnica de interpretação do passado, mas de uma questão de amor, de aceitação enactante do Outro. Neste novo paradigma, o fundamental é que o novo padrão relacional se construa em função do projeto, do sonho e do futuro que move as pessoas. E assim necessariamente, as duas pessoas, pela descoberta mútua das suas intenções, constroem um novo padrão relacional. Mas para que este processo tenha lugar, exige-se também que a relação psicanalítica ultrapasse e vença o peso das relações patológicas do passado! Centrar-se, não no passado, mas no presente-futuro desfazendo-se dos laços que aprisionam ao passado. Como?

Foi Coimbra de Matos, partindo da sua investigação pessoal baseada na observação e na experimentação com adultos no divã, quem criou e primeiro fundamentou a necessidade de romper com o modelo transferencial/contratransferencial e de aceder ao novo modelo a que chamou de “Nova Relação”. Este novo paradigma da psicanálise foi apresentado em duas Conferências, uma no Congresso Luso-Brasileiro na Baía, no Brasil, em 2007 (Matos, 2011), e a outra na Conferência Internacional do International Forum for Psychoanalytic Education, em 2012 (Matos, 2013), em Portland, nos Estados Unidos, onde Coimbra de Matos recebeu um prémio internacional pelos seus trabalhos sobre a Nova Relação.

O ponto de partida deste novo paradigma, assenta na “regra de ouro” de que a relação terapêutica não consiste em “interpretar na transferência/contratransferência”, mas na de “analisar e interpretar a transferência” logo à nascença para dissolver, desmontar, desmantelar, a neurose transferencial, e construir, colher e recolher a nova relação como “motor da cura”

(Matos, 2011, 2013).

A prática tradicional transfere a patologia do paciente para a relação psicanalítica, modelando, condicionando e promovendo a tolerância ao sofrimento e à frustração, e reduz a mente em vez de suscitar mudança. Como sabemos todos, embora nem todos queiramos pensar sobre isso, essa prática acaba por transformar, através de análises longas e intensas, os sintomas do paciente em traços carateriais da sua personalidade. E por sua vez o analista, pela sua neurose contra-transferencial gerada pelo passado transferido do paciente, fica empossado por um papel mítico todo poderoso (o psicanalista é o que supostamente sabe tudo), deixando o par aprisionado ao estilo das figuras do passado que captaram o analisando. Assim, na perspetiva da intencionalidade, a interação entre psicanalista e paciente não lhes permite acederem ao sentido das intenções mútuas que são precisamente voltadas para o futuro, as chamadas “memória do futuro” (Bion, 1977), ou só lhes permite esse pretensão objetivo se ele for promovido pelas grelhas interpretativas, criando um hiato com o vivido!

Assim, de modo consequente, o paradigma do novo relacionamento em psicanálise, estabelecido a partir duma aliança entre o psicanalista e o paciente, implica que, desde o início da relação, o psicanalista viva e responda nela de modos radicalmente diferentes daqueles que o paciente viveu no seu passado. Agora o psicanalista exerce “uma função de farol”, porque é o primeiro a interessar-se pela relação e pelo paciente, cria uma relação real implícita e explícita, com afetos autênticos, emocionalmente vivida. Nisto, segue o modelo da mãe, que primária e anteriormente se encanta com o seu bebé (*bonding*) e cuida dele, de modo a que este aprende a amar como ela ama. Este estilo de relação, em que sente e age com espontaneidade e responsividade, é incompatível com a neutralidade clássica do psicanalista-espelho. Agora, o psicanalista traça as linhas do desenvolvimento, participa, é proativo, e o paciente acaba por se sentir reconhecido e amado. Por isso, Coimbra de Matos, que se considera um revolucionário, imprime à relação uma (com)paixão, que é idêntica ao rigor científico que coloca na investigação. Costuma afirmar: *só trato as pessoas de que gosto e em quem aposto*. É essa confiança transmitida aos pacientes, antes derrotados, e agora “alevantados do chão” leva-os a aprender a construir mundos novos!

Focada no presente e voltada para as expectativas do futuro, a relação psicanalítica assenta sem reservas no princípio de que o analisando é que conduz a sua autoanálise e, por isso, a relação se torna entusiasmante. Fica insaturada porque é uma relação de complementaridade identitária, e não de comunhão identitária-em-espelho, pois abre espaços livres para a divergência, a negociação de consensos e a alteridade. Promovendo a liberdade como valor supremo, o paciente torna-se livre, estando ligado. E é esta nova relação experimentada pelo par analítico, que progressivamente vai ser transferida para a vida diária de todas as outras relações do analisando, produzindo resultados reais e duradouros, transformando as identidades e o estilo relacional, concebendo projetos virados de expansão do futuro. Trata-se de uma revolução, e não de uma revolta!

A expansão identitária subjetiva e a mudança de estilo relacional estão ligadas ao que Coimbra de Matos (2002) chama os três processos da identificação. Apoiar-se antes de mais, no desenvolvimento da identidade social com os outros, através da identificação imagoico-imagética – em resultado da identidade atribuída pelos pais e pelo psicanalista ao analisando- e através da identificação alotriomórfica – a única que a psicanálise clássica reconhece como resultante da identificação ao modelo admirado. Nas relações saudáveis, estes proces-

soos proporcionam a empatia e a compaixão, e nas doentias, em que a pessoa é reduzida à imagem que os outros querem dela, produzem identidades superficiais. Por isso, na relação psicanalítica que é facilitadora, a força motriz para a expansão identitária está na identificação idiomórfica a nós mesmos, enquanto pessoas originais e criadoras. É uma identificação por auto-concepção, que se desenvolve em resultado da nossa própria experiência pessoal, fazendo emergir o eu genuíno, a resiliência, a criatividade. Quando tomamos a iniciativa de amar alguém que responde na mesma sintonia, somos íntimos, exploramos a realidade e vivemos a aventura da vida, isto é, cocriamos! São estes três processos, em especial o da identificação idiomórfica, que favorecem o acesso ao método da inter-intencionalidade como experiência coerente, regular e previsível.

Conclusão

A crise da psicanálise manifesta-se, hoje, no debate entre as suas correntes, que se afirmam e se anulam mais à volta de argumentos do que de factos! Este é o ambiente favorável para a psicanálise se libertar das ficções da metapsicologia, e se afirmar como ciência da observação e da transformação das relações humanas!

Por outro lado, as perspetivas das psicologias, cognitiva, comportamental, dinâmica, biológica, rogeriana, evolutiva, todas contribuem para o conhecimento do desenvolvimento humano, mas nenhuma acede a uma explicação global integradora, ainda que os atuais contributos da neurociência e da psicossociologia, como da psicanálise das inter-ações bebés-cuidadores e dos pacientes-terapeutas se mostrem mais determinantes para a compreensão das relações humanas, no âmbito da transversalidade do conhecimento pós-multidisciplinar contemporâneo.

Este artigo não tem o objetivo de circunscrever uma teoria geral das relações humanas. A sua primeira aplicabilidade consiste em afirmar o novo paradigma psicanalítico das relações humanas, como estudo da relação interpessoal saudável, que se desenvolve de modo implícito e explícito. Foi a proliferação de metodologias e técnicas de observação e de intervenção que beneficiou a psicanálise pois forçou o questionamento sobre o paradigma metapsicológico. O salto do pensamento mítico/religioso para o pensamento científico só foi conseguido quando os psicanalistas, no encalce de epistemologistas como Popper ou Feyerabend (1975), ousaram pôr em causa o princípio da compatibilidade que lhes exigia que as novas hipóteses estivessem de acordo com as teorias do aparelho psíquico, a das pulsões e dos fantasmas originários, a da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Em contra-indução, o novo epistema da psicanálise (a que na altura chamámos Filocreia = amigo das relações íntimas) foi por nós proposto em 2011, na Annual Interdisciplinary Conference do International Forum for Psychoanalytic Education (Mendes-Pedro, 2013b).

É uma mudança do paradigma que conduz a prática psicanalítica a sair da regressão ao passado e da reparação, para se tornar na retoma do desenvolvimento, em função de um futuro voltado para o alcance exequível da felicidade (Matos, 2011; Mendes-Pedro, 2016). Tem igualmente o alcance de considerar a doença mental, como resultante de relações interpessoais patológicas (Mendes-Pedro, 2013b).

A segunda aplicabilidade deste artigo consiste na proposta de que a inter-intencionalidade deve ser considerada pela psicanálise como um método fundamental para a análise da qualidade das relações humanas íntimas e da sua transformação. É no contexto das interações humanas sadias que intuímos as intenções mútuas, ao intuirmos o sentido das intenções futuras uns dos outros. A intenção é, pois, uma tenção virada para o futuro que suscita, necessariamente, a res-

posta intuitiva complementar do outro, eficaz para a realização dos projetos imediatos ou a mais longo prazo. A sua avaliação é verificável pelas técnicas da imagiologia e pelos instrumentos da observação interativa, implícita e explícita.

Nas relações de intimidade real, em que naturalmente reinam o amor e a liberdade, as ações do outro, decodificadas automaticamente em nós, suscitam de modo quase involuntário, enações intencionais, muitas vezes na forma de intuições, de metáforas corporais e jogos de humor, de ações infra verbais, ao serviço da autonomia identitária, do empoderamento e da criatividade mútua. A inter-intencionalidade é finalmente a cognição antecipadora, que muitas vezes inesperadamente se organiza simultaneamente nas mentes de duas pessoas em interação e as move a amarem, a acreditarem, a pensarem e a decidirem, com entusiasmo, curiosidade e humor. Estes, os parâmetros básicos em validação.

Na relação psicanalítica íntima, com envolvimento de amor não sexual (à maneira da mãe com o seu bebé), o que importa explorar é o futuro risonho para o paciente que o método da descoberta intencional proporciona. Esta relação desenvolve as competências do paciente, através do treino de novos instrumentos, os quais vão ser utilizados nas outras relações do quotidiano desse paciente, em que enfrenta situações, resolve conflitos, cria relações saudáveis e descobre novos horizontes. Assim se realiza a mudança global das pessoas pela expansão da identidade, pelo novo modo de se relacionar com os outros e de desfrutar da vida, favorecendo novos métodos e novas teorias, novas realizações.

Concluimos este artigo com três sugestões. Na primeira propomos que o *setting* psicanalítico beneficie da promoção de métodos e técnicas. Assim a utilização do divã ou do face a face deve sempre fazer parte da negociação democrática de cada diade, em função do que for melhor para a descoberta inter-intencional. Sabemos que os humanos usam mais os instrumentos do face a face e da troca de olhares, ao contrário de todos os outros animais, exceto os macacos bonobos, para ativarem os centros da intencionalidade. Mas a observação relacional e clínica também mostra que a utilização do dispositivo do divã, tanto pode contribuir para isolar e captar a realidade mais íntima do paciente, à maneira dos amorosos que escolhem a penumbra do quarto para o amor, como pode favorecer os binómios relacionais caracterizados pelo domínio-dependência e pela indiferença-regressão.

Uma segunda sugestão tem a ver com a interpretação dos sonhos. Com efeito, como sabemos a alternância circadiana da vigília-sono-sonho promove a plasticidade da consciência, fazendo interagir a consciência vigíl/secundária com a consciência onírica/ primária. Temos esse poder de viajar na realidade, mas também no mundo virtual, o que desenvolve a nossa capacitação para a criação. O sentido dos sonhos opera por si e não é unívoco, mas, à luz do método da inter-intencionalidade, eles antecipam os medos ou os desejos relacionados com o futuro próximo (Hobson, 2009; Mendes-Pedro, 2013, September).

A terceira sugestão, proporcionada por este artigo, está virada para a consciência ética. A estrutura financeira impõe às relações humanas, no contexto sócio-económico-político atual, os cinco sintomas: medo, vergonha, insegurança, isolamento e impotência, com degradação da saúde e agravamento das desigualdades (Mendes-Pedro, 2017b, March). É expectável que a nova psicanálise aborde o trabalho humano como criação para a expansão identitária e relacional. Mudar o paradigma da psicanálise é também sair do conservadorismo da relação inter-individual e promover o ecossistema das relações humanas em interação mútua (núcleo familiar, amizades, vizinhança, escola, trabalho, internet, associações, partidos, grupos de pertença socio-económica e cultural). A psicanálise é então

a ciência das relações íntimas em interação com as outras relações sociais.

Referências

- Barrett, L., Dunbar, R., & Lycett, J. (2002). *Human evolutionary psychology*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Bion, W. (1977). *A memoir of the future. The pass presented*. Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Boston Change Process Study Group (2007). The foundational level of psychodynamic meaning. *International Journal of Psychoanalysis*, 88, 1-16. doi: 10.1516/T2T4-0X02-6H21-5475
- Boston Change Process Study Group (2008). Forms of relational meaning. *Psychoanalytic Dialogues*, 18, 125-148, doi: 10.1080/10481880801909351
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment* (Vol 1). New York, NY: Basic Books.
- Corballis, M. (2011). *The recursive mind*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa*. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América.
- Dastur, F. (2004). *La phénoménologie en questions. Langage, altérité, temporalité, finitude*. Paris, France: J. Vrin.
- Fairbairn, R. (1954). Observations on the nature of hysterical states. *British Journal of Medical Psychology*, 27, 105-125.
- Feyerabend, P. (1975). *Against method*. London, UK: New Left Books.
- Ferenczi, S. (1982). Confusion de langues entre les adultes et l'enfant. Le langage de la tendresse et de la passion (1933). In *Psychanalyse IV, Œuvres complètes* (Vol 4, pp.125-135). (Original work published in 1933).
- Freud, S. (1956). Lettres à Wilhelm Fliess (1887-1902). In *La naissance de la psychanalyse* (pp. 47-306). Paris, France: PUF.
- Gallese, V. (2003). The roots of empathy: the shared manifold hypothesis and the neural basis of intersubjectivity. *Psychopathology*, 36, 171-180. doi: 10.1159/000072786
- Greenberg, J., & Mitchell, S. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Iacoboni, M., Molnar-Szakacs, I., Gallese, V., Buccino, G., Mazziotta, J. C., & Rizzolatti, G. (2005). Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system. *PLoS Biology*, 3(3), e79. doi: 10.1371/journal.pbio.0030079

- Hobson, A. (2009). REM sleep and dreaming: towards a theory of protoconsciousness. *Nature Reviews Neuroscience*, 10, 803-813. doi: 10.1038/nrn2716
- Klein, M. (1932) *The psycho-analysis of children*. London, UK: The Hogarth Press.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self*. New York, NY: International Universities Press.
- La Grange, H. L. (1979). *Gustav Mahler. Les chemins de la gloire* (Vol. 1). Paris, France: Fayard.
- Lebovici, S., & Stoléru, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste. Interactions Précoces*. Paris, France: Bayard Editions.
- Lebovici, S. (2002). *Le bébé, le psychanalyste et la métaphore*. Paris, France: Odile Jacob.
- Lipps, T. (1903). Einfühlung, innere nachahmung und organempfindung. *Archiv für die Gesamte Psychologie*, 3, 185-204.
- Matos, A. C. (2002). Percursos da identidade. In Matos, A. C., *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica* (pp. 215-224). Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Matos, A. C. (2011). A função da psicanálise na resignificação de vínculos pré-existentes e na construção de novas ligações. In Matos, A. C., *Relação de Qualidade* (pp. 122-139). Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Matos, A. C. (2013). The touching of souls in psychoanalysis: three innovative papers by António Coimbra de Matos. *Other/Wise*, 2, 55-66. Retrieved from <https://ifpe.wordpress.com/2013/08/17/the-touching-of-souls-in-psychoanalysis/>
- Meltzoff, A. N. (2007). The 'like me' framework for recognizing and becoming an intentional agent. *Acta Psychologica*, 124, 26-43.
- Mendes-Pedro, A. (2009). A representação, a intencionalidade e o encontro psicanalítico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 29, 69-81.
- Mendes-Pedro, A. (2012). As relações de intimidade para a unidade mente corpo e a mudança. *Revista Se..., Não..., 3*, 359-373.
- Mendes-Pedro, A. (2013a). The baby relational psychology. *Contribute to Mind / Body Dialogue. Other/wise*, 3, 67-80. Retrieved from <https://ifpe.wordpress.com/2013/09/21/the-baby-relational-psychology/>
- Mendes-Pedro, A. (2013, September). *Alternation, wakefulness, and dreams in building superficial consciousness in addicts*. Paper presented at the 22nd World Congress on Psychotherapy and Psychosomatics, Lisbon, Portugal.

- Mendes-Pedro, A. (2013b). The enacting receptivity of the mind/body relational psychoanalyst: interacting with an invaded patient with somatic vulnerability. *Other/Wise*, 3, 53-66. Retrieved from <https://ifpe.wordpress.com/2013/09/21/the-enacting-receptivity-of-the-mindbody/>
- Mendes-Pedro, A. (2016). Os quatro componentes do amor. *Atas do Colóquio Encontro com (o) Amor – Percursos Expressões e Desenvolvimento* (121-127). Évora, Portugal: Departamento de Psicologia da Universidade de Évora.
- Mendes-Pedro, A. (2017a, March). *A new paradigm for psychoanalysis as psychotherapy*. Paper presented at the Seventy Fifth Annual Scientific Meeting of Psychosomatic Medicine, Sevilla, Spain.
- Mendes-Pedro, A. (2017b, March). Human relations of telemarketers in Portuguese call centers. Paper presented at the Seventy Fifth Annual Scientific Meeting of Psychosomatic Medicine, Sevilla, Spain.
- Merleau-Ponty, M. (1962/1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris, France: Gallimard.
- Rizzolatti, G., & Sinigaglia, C. (2007). *Mirrors in the brain: how our minds share actions, emotions, and experience*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York, NY: Norton.
- Stern, D. (2000). *The interpersonal world of the infant: a view from psychoanalysis and developmental psychology*. New York, NY: Basic Books.
- Stern, D. (2006). *O momento presente na psicoterapia e na vida de todos os dias*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Winnicott, D. W. (1971). *Playing and reality*. London, UK: Tavistock Publications.